

CONTEXTOS DE USO E FUNÇÃO MARCADORA DISCURSIVA DAS MICROCONSTRUÇÕES *AÍ ESTÁ* / *ESTÁ* *AÍ* EM TEXTOS ORAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Monique Borges Ramos da Fonseca (Capes)

Orientadora: Mariangela Rios de Oliveira

Mestranda

Introdução

A investigação que ora apresentamos é parte do projeto integrado Pronomes Locativos em Construções Nominais e Verbais do Português Contemporâneo: ordenação, polissemia e gramaticalização, no âmbito do grupo de estudos Discurso & Gramática (D&G-UFF).

Neste artigo objetivamos o levantamento, a descrição e a análise das expressões *aí está* e *está aí em textos orais* do português contemporâneo do Brasil. Tais expressões, instanciadas a partir dos padrões construcionais loc + SV e SV + loc, são pesquisadas como resultado de processo de gramaticalização, em que o verbo *estar* perde traços de sua categoria de origem, tornando-se mais polissêmico e, juntamente com *aí*, passa a compor uma unidade superior de sentido e forma. Para tal, lançamos mão não só do aparato teórico funcionalista, nos termos de Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003); Traugott e Dasher (2005); Traugott (2003, 2007, 2013), como também de pressupostos cognitivistas, notadamente os atinentes à abordagem construcional, encontrados em Goldberg (1995, 2006), Diewald (2006) entre outros.

Observamos que as expressões *aí está* e *está aí* passam pelo processo de gramaticalização em que sofrem mudanças construcionais, alteração que afeta a dimensão interna da construção e não envolve a criação de um novo nó, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). Compreendemos gramaticalização, nos termos de Traugott (2008; 2012), como um processo de redução e expansão pelo qual a microconstrução passa por uma redução em sua composicionalidade, na plenitude de suas categorias prototípicas; e se expandem, abrangendo outros contextos de usos e funções discursivas- pragmáticas.

Objetivamos, após o levantamento de dados, observar e descrever as expressões *está aí* e *aí está*, em textos de modalidade oral, seguindo o cline de Diewald (2006) que parte do contexto típico (lexical, referencial), passa pelo contexto atípico (de transição), pelo crítico (a caminho da maior integração semântico-sintática) até chegar ao contexto isolado (uso mais integrado, formador de nova categoria gramatical), no qual apresenta maior abstratização e função discursivo-pragmática; e caracterizá-las como construção, ou seja, pareamento forma-função altamente vinculado cujo sentido discerne da mera soma dos significados das partes.

Constituição dos corpora

Afim de ampliar o levantamento de dados e dos contextos de uso das expressões em análise e darmos conta dos propósitos da investigação foram utilizados dois corpora na presente pesquisa, o corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita no Brasil (D&G) e o corpus Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL).

O D&G é constituído por textos falados, e seus correspondentes escritos, do português brasileiro contemporâneo de comunidades estudantis de cinco cidades brasileira do final do século XX. Suas entrevistas foram realizadas com estudantes desde a alfabetização até o último ano do ensino superior das cidades de Niterói (RJ), Rio de Janeiro (RJ); Rio Grande (RS), Juiz de fora (MG) e Natal (RN).

Contabilizando um total de 171 informantes; 18 da cidade de Niterói, 93 do Rio de Janeiro e 20 do Rio Grande, de Juiz de Fora e de Natal cada, este corpus abarca cinco diferentes tipos de textos orais transcritos; narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião, assim como a redação destes realizada pelos próprios entrevistados. Desta forma, os participantes produziram 5 tipos textuais na modalidade oral e os mesmos 5 na escrita, totalizando um

número de 10 produções textuais por informante. Porém, para a pesquisa em andamento, utilizamos apenas os textos de produção oral para análise, uma vez que o objetivo é verificar as funções discursivo-pragmáticas das citadas expressões em textos distensos, espontâneos.

O corpus PEUL é composto por textos das modalidades falada e escrita no período de 1980 e 2000. Este corpus está dividido em 6 (seis) seções: censo 1980; censo 2000; amostra de indivíduos recontactados 2000; amostra de fala infantil; amostra interacional e amostra do Mobral.

Foram utilizadas, até o presente momento da pesquisa, as 3 (três) primeiras seções listadas acima de textos orais. As amostras textuais foram segmentadas por faixa etária dos informantes: de sete (07) a quatorze (14) anos; de quinze (15) a vinte e cinco (25) anos; de vinte e seis (26) a quarenta e nove (49) anos; e acima dos cinquenta (50) anos. O corpus compreende falantes do sexo masculino e feminino com nível de escolaridade do primeiro (1º) e segundo (2º) ciclos do ensino fundamental e do ensino médio de diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro.

Foram investigadas 721 páginas do corpus D&G, incluindo toda a produção oral de todas as cidades participantes da composição dos corpora, e 2244 páginas do PEUL abrangendo apenas as três primeiras seções dos corpora.

Os corpora apresentam características distintas no que tange os gêneros de produção oral. O D&G trabalha com maior variedade de gêneros, porém, com predomínio da sequência tipológica narrativa de livre produção do informante. O PEUL se caracteriza por gêneros de marca dialógica, interacional, características de entrevista. A distinção entre os gêneros é um importante fator para análise de usos, contextos e frequência das referidas expressões.

Procedimentos metodológicos e resultados da expressão *aí está*

No que concerne aos procedimentos empregados para o estudo da expressão *aí está*, instanciada como LocV, foi realizado um levantamento de 13 dados no corpus D&G e 12 dados no PEUL.

Por meio da análise pormenorizada, constatou-se que a estrutura locativo + verbo apresenta-se como representativa da configuração construcional *aí está*, que pode apresentar-

se reduzida (*aí tá*). Dos 13 registros da expressão no D&G, remanesceram apenas 10 usos como construção marcadora discursiva em textos orais.

No corpus PEUL, foram coletados doze (12) usos da expressão “*aí está*”, e suas flexões, dos quais apenas quatro (4) apresentaram-se mais gramaticalizados como construção, pareamento de forma- função, exercendo a função de marcadores discursivos. Os outros oito (8) dados não apresentaram integração construcional, de forma que o locativo *aí* se apresentava ora como elemento sequenciador e ora como locativo referenciador de lugar, e o verbo *estar*, ora funcionava como verbo auxiliar e ora como verbo estativo.

Tabela 1

Quantificação total da construção *aí está* nos corpora D&G e Peul.

Aí está	Expressão	Construção
Corpus D&G	Treze (13)	Dez (10)
Corpus Peul	Doze (12)	Quatro (4)
Total	Vinte e cinco (25)	Quatorze (14)

(Tabela 1 referente à quantificação total da construção *aí está* nos dois corpora investigados)

Os 14 registros da microconstrução *aí está*, todos retirados de textos orais, apresentam a função pragmático-discursiva e as características estabelecidas por Risso et AL (2002) referentes aos mecanismos pragmáticos denominados *marcadores discursivos*. Dentre as particularidades que apresentam estão: atuar no plano da organização textual-interativa; operar no plano da atividade enunciativa e não no plano do conteúdo; não se constituírem como parte integrante da estrutura sintática oracional; serem formas de extensão reduzidas a uma ou duas palavras ou de massa fônica mais restrita a um limite de três sílabas tônicas; destacarem-se como formas recorrentes no espaço textual.

Seguem exemplos de registros de textos orais da construção *aí está*.

- 1) I: ...e antes disso eu tinha recriminado a minha colega que ela estava saindo com um menino que ela falou que não ia sair... *está* eu recriminando ela... *aí* eu falei assim “não... não vou sair com ele não... dando o maior show lá... dando o maior show... não vou sair com ele não...” *aí* ele foi chegou perto de mim... descumpri com a minha palavra... fui... e saí com ele... ***aí tá...*** depois eu comecei a pensar...

né? a minha colega chegou e falou assim “poxa... Flávia... não tinha nada a ver...(narrativa de experiência pessoal oral – 18 – Rio de Janeiro 1D&G)

2) I: ? ((riso)) ele voltou... ela:: desceu... aí a gente ficou/ a festa estava terminando... aí eu fui... perguntei pra... pra uma menina que:: ela só ia no final da festa... era quase duas e meia... aí ela... ela morava/ mora perto da minha casa... e::... eu pedi pra ela me levar pra casa... me deixar na porta da casa dela... que eu ia... que eu ia pra... pra casa sozinha... **aí tá**... tudo bem... ela... ela... ela... aceitou... aí... a gente:: estava saindo... estava/ tinha acabado a festa... a gente saiu... (narrativa de experiência pessoal oral – oitava série – Juiz de Fora D&G)

3) **E:** Você conseguiu isenção da Rural?

F: Consegui porque, é claro, né, consegui primeiro porque eu consegui comprová que eu num tinha mesmo como pagar, eu não estava trabalhando na época, daí também uma facilidade, porque eu pude sair daqui, pude saí cedo, tive o tempo todo disponível pra ficá lá à mercê da universidade com toda a burocracia, que, no caso, eu saí cedo de casa e fui lá pra lá pra Rural, uma viagem enorme, **aí tá**, chegando lá ainda tive que esperá acho que começá o horário de atendimento, eles dão uma, te dão uma, folha com os requisitos, né, o que que precisa, documentação, o que que precisa comprovar, essas coisa assim que são necessária pra eles te avaliarem, pra ver se você merece ou não, pode ou não pagar. (Informante masculino, 21 anos, ensino médio. Peul, 2000)

Em (1), (2) e (3), pode-se depreender que a expressão **aí tá** passou por processos atinentes à gramaticalização, o que significa que houve: a descategorização, uma vez que o elemento *aí* não funciona conforme sua função prototípica de pronome locativo, e o verbo *estar* perde seu sentido pleno; a redução fonológica do verbo *estar* para sua variação *tá*; o aumento da função pragmática e subjetivação, apresentando-se produtiva em enunciados orais com função de organizadores do discurso.

Nos três dados, a função da microconstrução se refere à finalização de um raciocínio ou enunciação de um acontecimento para dar início à continuação do que se quer dizer, de modo a organizar a ordem dos acontecimentos enunciados.

Em interlocução com o estudo da gramática de construções da linha da linguística cognitiva, ao passar pelo processo de gramaticalização ocorrem mudanças construcionais na expressão, que refletem e são refletidas nos distintos contextos de uso de Diewald (2006, p. 1-9), que em sua fase final, contexto isolado, completamente gramaticalizado, se diz construcionalizado, uma vez que há surgimento de novo nó, com nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado na rede linguística de uma população de falantes. (Traugott e Trousdale, 2013).

Não foi possível acompanhar a trajetória das mudanças construcionais nos distintos contextos descritos por Diewald (2006, p. 1-9) nos textos de modalidade falada até o momento. O único contexto flagrado nessa modalidade de produção textual foi o isolado, ou seja, aquele em que as mudanças construcionais já aconteceram, o processo de gramaticalização está mais avançado e há a formação de um pareamento forma-função, construcionalização, com função mais abstratizada da microconstrução.

Atenta-se para o fato de que o uso da construção em nível de gramaticalização mais avançada, exercendo função discursivo-pragmática, só foi passível de ser observado na modalidade de expressão oral, que admite maior espontaneidade dos falantes, em contextos mais informais, o que nos permite analisar a frequência, a regularidade e os valores semântico-funcionais que os falantes adotam criativamente para determinada expressão, quando o interesse maior está voltado para o processo comunicativo ao longo do discurso.

Procedimentos metodológicos e resultados da expressão *está aí*

A expressão *está aí*, estruturada como verbo + locativo (Vloc), tem sido investigada, na modalidade de textos escritos, pela professora Dr. Ana Cláudia Machado Teixeira segundo a taxonomia e os níveis de esquematicidades propostos por Traugott (2008). Desta forma a expressão é analisada como um constructor, uma construção em uso efetivo, que pertence à tipologia semântica dos verbos intransitivos + locativos (VintLoc) no nível da

mesoconstrução e que funciona dentro da macroconstrução Verbo + locativo como marcador discursivo (VLocMd).

Foi constatado que, assim como em textos escritos, é possível flagrar os distintos contextos de uso em que a expressão é empregada, as mudanças construcionais e a sua função mais abstrata de marcador discursivo em textos de modalidade oral, foco de investigação e relato deste artigo. Por este motivo, faz-se necessário apresentar, para análise dessa expressão, as taxonomias de Traugott (2008).

Machado e Rocha (2012), citando Traugott, especificam sua taxonomia segundo os níveis de esquematicidade como sendo a macroconstrução (VLocMd) altamente abstrata funcionando como construções esquemáticas; as mesoconstruções como grupos de construções relacionadas e ainda abstratas que possuem semântica e/ ou sintaxe semelhante; as microconstruções como tipos de construções individuais; e os constructos como *tokens* empiricamente comprovados, os usos efetivos, que são o *locus* da mudança.

Os resultados da pesquisa realizadas por Machado em textos escritos apontam para um processo de construcionalização de *está aí*, no qual a expressão passa a uma construção de pareamento forma-função, tornando-se menos composicional, mais esquemático e produtivo atuando no nível discursivo-pragmático como marcador discursivo. Tal processo e resultado também são observados em textos orais, sendo possível verificar a trajetória das mudanças construcionais nos contextos de Diewald até a sua efetiva construcionalização.

Portanto, nossa investigação, após o levantamento de dados, se concentra em observar e descrever a expressão *está aí* seguindo o cline de Diewald (2006, p. 1-9) que parte do contexto típico (lexical, referencial), passa pelo contexto atípico (de transição), pelo crítico (a caminho da maior integração semântico-sintática) até chegar ao contexto isolado (uso mais integrado, formador de nova categoria gramatical), no qual apresenta maior abstratização e função discursivo-pragmática, e caracterizá-la como construção, ou seja, pareamento forma-função altamente vinculado cujo sentido discerne da mera soma dos significados das partes, em textos de modalidade oral.

Foram coletados nove (9) dados da expressão *está aí* no corpus D&G e sessenta e oito(68) no corpus PEUL, em um total de 77 registros, dos quais apenas 8 correspondem ao uso mais gramaticalizado da expressão, como construção, em contextos isolados nos quais exerce a função pragmática de marcador discursivo. Foram observados, durante a análise dos

dados, diferentes usos da referida expressão que aponta para um processo de construcionalização. Seguindo o citado cline de Diewald (2006) podemos observar os seguintes usos:

4) **E:** Você já morou no Jardim Botânico e agora você mora no Rio Comprido. Qual o lugar que você acha melhor: aqui, no Jardim Botânico ou lá no Rio Comprido?

F: Bom, eu acho os dois lugares bom, né? Porque bem dizer eu fui nascida e criada aqui, né? E lá eu tenho minhas amizade, no Rio Comprido, peguei amizade muito rápida lá, entendeu? O pessoal lá me trata muito bem, inclusive tem umas família lá que me considera como se eu fosse uma irmã delas. E tudo que tem, algum tipo de festa, se eu numtô lá, elas ligam cá pra casa da minha mãe. “Ah, Leila **tá aí?**” “Leila, tem festa, num deixa de vir.” E pra mim aqui ou lá, pra mim é tudo... (Informante feminina, 43 anos, fundamental 2 incompleto. Peul, 1999)

5) **I:** Ninguém quer, quem tem juízo, não quer.

F: Não, não quero não.

E: Mas assim você começaria de onde, nem sabe?

F: Nem sei, não por onde começá, não sei se eu começaria pelo, tratando a saúde do pessoal.

E: Pela saúde.

F: Começaria por aí, aí depois a gente começaria pela violência acho que a violência, a violência **tá aí**, [mas eu começaria pela saúde.]

I: [Eu acho que eu, eu sou uma pessoa que pra começá fechava o Congresso] (Informante feminana, 49 anos, fundamental 1 incompleto. Peul, 2000)

6) **F:** É MUITO difícil, é MUITO difícil mesmo. O que eu tenho que falá do nosso país é isso, ele é um câncer, né? e, como todo câncer, é... ou você trata, ou você não trata (est) e o caso vai se agravando, né? **taí** os meninos de rua, os assaltos, a família que num tem mais valor nenhum, eu num digo, assim, um VALOR social, mas um valor, assim, mesmo [de]... [de]... [de]... (hes) de união, de, sabe? de

compreensão, você num vê mais isso, é difícil... (Informante femina, 33 anos, superior incompleto. Peul, 2000)

- 7) F- É, eu concordo. Porque o cara aí- tu pede uma ajuda. Sabe? Tu diz assim: "aí, eu estou a fim de, sabe? de pegar o metrô, ir para essa cidade aqui." Está? O cara- (hes) não sei! [Ele]- ele te azara, ele, sabe? [ele]- ele te tumultua, ele fala inglês, ele fala japonês, ele fala tudo, está? Mas ele não te dá uma força. Agora, as mulheres da Argentina, é que você encontra, sabe? [Uma]- uma certa sensibilidade, está? O pessoal- [ela]- ela já pára, está? Já pára para te dar uma atenção, <pá>, um papo. Eu não sei! Eu acho que o- idéia meia latina, não é? **Está aí!** O latino-americano está em cima do argentino de Porto Alegre, está sabendo? que o brasileiro também não é assim, não. (Informante masculino, 25 anos, ensino médio. Peul, 1980)

Em (4) *está aí* em “Ah, Leila tá aí?” a expressão é usada em contexto típico, nos termos de Diewald (2006, p. 1-9). Tanto o locativo *aí* quanto o verbo *estar* apresentam traços de suas categorias prototípicas apresentando maior composicionalidade; o *aí* atua como adverbial de lugar, exercendo função referencial de espaço que no registro se refere a uma cena que trata de um lugar, a casa da minha mãe, conhecido no qual o receptor da pergunta se encontra e no qual a Leila, sujeito, poderia se localizar, e o verbo *estar* mantém sua intransitividade e se complementa com o circunstanciador de lugar “*aí*”, ou seja, não altera suas características sintáticas. A expressão mantém a ordem sintática prototípica com sujeito agente.

Em (5), *tá aí* em, “a violência **tá aí**”, a expressão é usada em contexto atípico, no qual seus itens da ainda apresentam características de suas categorias originais, porém, o *frame* espacial é desbotado de modo a conferir uma semântica de existencialidade ao sujeito e não de localização do mesmo. Ou seja, ao dizer que “a violência tá aí” o falante não intenciona localizar onde se localiza a violência, mas sim que ela está no mundo, que ela existe, o que pode demonstrar traços opinativos do falante. O *aí se* apresenta como um referencial mais abstrato, menos espacial. Apesar da ordem sintática se manter original e do verbo exigir

sujeito, este não é agentivo. Esse registro da expressão apresenta um contexto misto, híbrido que é favorável aos micropassos de mudança.

Em (6), pode-se depreender que a expressão “taí” não esvazia sua semântica original plenamente, mas se configura como um uso mais entrincheirado da expressão que possibilita uma leitura mais “mostrativa”, que mostra, e existencialista do problema que o falante quer apresentar “taí os meninos de rua, os assaltos, a família que num tem mais valor nenhum...”. A ordem sintática é inversa, o sujeito é composto e a expressão não apresenta concordância verbal com o mesmo. Este é um contexto de micropassos de mudança, que caminha para um contexto de uso mais gramaticalizado.

Já em (7) pode-se observar o contexto isolado nos termos de Diewald (2006, p. 1-9) no qual os itens da expressão perdem sua composicionalidade, seus traços prototípicos, e atuam como uma construção, pareamento de forma-função, apresentam nova semântica e novo uso, exercendo a função de marcador discursivo no nível discursivo-pragmático. *Está aí* é empregado de forma isolada, e neste dado como exclamação; sua retirada não causaria prejuízo sintático, mas sim pragmático; denota uma percepção, conclusão espontânea do fato de “O latino-americano está em cima do argentino de Porto Alegre”, chamando a atenção de seu interlocutor.

Tabela 2

Quantificação dos contextos de uso da expressão *está aí* no corpus D&G

Está aí	Quantidade
Contexto típico	1/9
Contexto atípico	6/9
Contexto crítico	0/9
Contexto isolado	2/9
Total	Nove (9)

(Tabela 2 referente à quantificação de registros da expressão *está aí* nos distintos contextos de uso, segundo Diewald (2002), no corpus D&G)

Tabela 3

Quantificação dos contextos de uso da expressão *está aí* no corpus Peul.

Está aí	Quantidade
Contexto típico	35/68
Contexto atípico	21/68
Contexto crítico	6/ 68
Contexto isolado	6/68
Total	Sessenta e oito (68)

(Tabela 3 referente à quantificação de registros da expressão *está aí* nos distintos contextos de uso, segundo Diewald (2002), no corpus Peul)

Tabela 4

Quantidade total de registros da expressão *está aí* nos corpora D&G e Peul.

Está aí	Quantidade
Contexto típico	36/77
Contexto atípico	27/77
Contexto crítico	6/ 77
Contexto isolado	8/77
Total	Setenta e sete (77)

(Tabela 4 referente à quantificação total dos registros da expressão *está aí* nos distintos contextos de uso, segundo Diewald (2002), nos corpora D&G e Peul)

Acreditamos ser o corpus PEUL mais propício ao uso da microconstrução *está aí* pelos falantes do que o D&G, devido ao fato de ser um corpus que apresenta maior interação entre o entrevistador e o informante, de forma que em contextos dialógicos é possível observar com maior frequência o emprego de elementos próprios do discurso, que funcionam, pragmaticamente, de maneira mais instantânea e para chamar a atenção do interlocutor, que é o caso de **está aí** em contextos isolados, mais gramaticalizados.

Considerações Finais

Ao utilizar os corpora D&G e PEUL, que disponibilizam acesso á transcrições de textos orais e são constituídos por diferentes gêneros textuais, constatou-se que há distinções

de valor semântico-funcional quando expressões são utilizadas em diferentes formas de registros, orais e escritos.

Os resultados preliminares indicam que a macrofunção mais gramaticalizada, contexto isolado, das referidas expressões é a de marcador discursivo, atuando como elemento organizador do discurso.

Acreditamos ser o corpus PEUL mais propício ao uso da microconstrução *está aí* pelos falantes do que o D&G devido ao fato de ser um corpus que apresenta maior interação entre o entrevistador e o informante, de forma que em contextos dialógicos é possível observar com maior frequência o emprego de elementos próprios do discurso, que funcionam, pragmaticamente, de maneira mais instantânea e para chamar a atenção do interlocutor, que é o caso da construção *está aí*.

Já no corpus D&G o uso da expressão *aí está* foi mais produtivo. Consideramos que por se tratar de um corpus no qual predomina gêneros textuais narrativos e de relatos, os quais não há muita interação, a microconstrução *aí está* é utilizada com função de marcador discursivo atuando na mudança de tópico, na pausa de um raciocínio para retomar algo dito anteriormente, no acréscimo de uma observação feita durante o relato para posterior prosseguimento do mesmo etc.

Ou seja, as duas construções apresentam a função de marcador discursivo, porém, atuando em distintas finalidades segundo o gênero textual em que são empregadas. Foi possível constatar, portanto, que tais microconstruções apresentam seus usos e atuações motivados pelos distintos gêneros orais e os contextos de produção, fato corroborado pela investigação das expressões nos dois corpora.

Salientamos que não foi possível rastrear os contextos da Diewald e as mudanças construcionais em textos orais no uso da expressão *aí está*, o que foi possível nos usos da expressão *está aí*. Isso pode significar que *aí está* é uma construção mais recente que *está aí*, uma vez que não é possível acompanhar o histórico de suas mudanças construcionais.

REFERÊNCIAS

DIEWALD, Gabriele. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions SV*, 2006, p. 1-9

Goldberb, Adele. 1995. *Constructions: a construction approach to argument structure*, Chicago: The University of Chicago Press.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006. 280 p.

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. . A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, v. , p. 17-28.

OLIVEIRA, Mariangela Rios. 2007b. *Ordenação de advérbios locativos no português escrito – uma abordagem histórica*. Rio de Janeiro: Relatório final de pesquisa enviado ao CNPq. 47 p.

RISSO, M. S. *et al.* Marcadores discursivos traços definidores. In: KOCH, I.G. V. (org.) *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Ed. DaUNICAMP/FAPESP, 1996.

RISSO, M. S. *et al.* Traços definidores dos marcadores discursivos. IN: JUBRAN, Spinardi; KOCH, Villaça. *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. v. 1. Campinas: UNICAMP, 2006.

TEIXEIRA, A. C. MACHADO ;ROCHA, R. A. . Construções em foco: o caso de 'daqui vem' e 'vamos lá'. *Confluência* (Rio de Janeiro), v. 41/42, p. 207-222, 2012.

TEIXEIRA, A. C. MACHADO ;OLIVEIRA, M. R. . Por uma tipologia funcional dos marcadores discursivos com base no esquema construcional VerboLocativo. *Revista Veredas*, v. 16, p. 19-35, 2012.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. 2003. *Constructions in grammaticalization*. In: JOSEPH, Brian. D. e JANDA, Richard D. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blakwellpublishing.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 341 p.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. 2007a. *Grammaticalization and construction grammar*. Handout apresentado no I Workshop on Grammaticalization of the Discourse and Grammar Research Group/ XI Seminário do Grupo de Estudos Discurso e Gramática. Rio de Janeiro: UFRJ.

TRAUGOTT, E; TROUSDALE, G. 2013. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press.